



O tema de capa escolhido para esta edição da Horticultura Brasileira, que é o mesmo do XXXIV Congresso Brasileiro de Olericultura, aborda dois aspectos importantes no cenário olerícola nacional: Produtividade e Qualidade. A obtenção de rendimentos acima daqueles atingidos atualmente é, sem dúvida, uma condição perseguida por todos os segmentos engajados na produção de hortaliças nas diversas regiões do País. Maximizar a produção significa, antes de tudo, reduzir custos, garantindo, desta forma, boas margens de lucro a um setor marcado por fortes oscilações sazonais de oferta e, conseqüentemente, de preços.

O despertar da consciência para o agribusiness, em todas as áreas da agricultura brasileira, tem mostrado que somente os agricultores que norteiam sua atividade no binômio produtividade e qualidade têm conseguido sobreviver. E, o que é mais importante, têm crescido, apesar de toda a turbulência econômica no País nos últimos anos.

Em nosso segmento, é necessário enfatizar que as hortaliças de maior importância econômica apresentam níveis médios de produtividade muito baixos se comparados àqueles obtidos em outros países. Citamos, como exemplos marcantes, os casos do tomate, da batata, do alho e da cebola. A situação torna-se mais preocupante ainda quando se comparam rendimentos de uma mesma espécie entre diferentes regiões geográficas do País. Quanto à qualidade das hortaliças consumidas no Brasil, a situação não é diferente. Enquanto nos países mais adiantados a discussão sobre qualidade já chegou aos níveis do aspecto nutricional (teores de vitaminas e fibras) e do shelf life (vida de prateleira), não resolvemos ainda o problema da qualidade externa de nossas hortaliças. Esse problema é

resultado das más condições de manuseio durante os processos de embalagem, transporte, armazenamento e da forma inadequada de expor os produtos em feiras, quitandas e supermercados. Duas conseqüências sérias surgem desse panorama: a péssima qualidade das hortaliças que consumimos (inclui-se aqui a questão dos diversos tipos de contaminação); e, mais dramático e contraditório, a rápida deterioração das hortaliças, exigindo sua eliminação, leva a um desperdício enorme, num país marcado pela fome e desnutrição de milhares de crianças. Diante disso, enquanto não for resolvido o problema da qualidade de nosso mercado doméstico, fica muito difícil se pensar em campanhas para aumentar o consumo interno, bem como em elevar o número de hortaliças exportáveis.

O desafio a ser enfrentado é gigantesco, principalmente quando se sabe que a solução do problema não é simples. Além das dificuldades inerentes às limitações climáticas de produção nos trópicos, a política de reserva de mercado impediu, por exemplo, o acesso à informação e à aquisição de equipamentos e maquinários. E mais, a economia recessiva dos últimos anos limitou, de forma sem precedentes os investimentos em pesquisa, ensino e extensão. Como resultado, a tecnologia gerada tem sido insuficiente para melhorar a produtividade e a qualidade das hortaliças no Brasil.

Em contrapartida, não podemos deixar de nos congratular aqui com pesquisadores, professores, extensionistas, técnicos de empresas privadas e agricultores que, mesmo frente a esse quadro, têm utilizado sua força de vontade e seu entusiasmo para levar adiante a Olericultura Brasileira. (Paulo César Tavares de Melo, ASGROW DO BRASIL).



A SOB e o XXXIV Congresso Brasileiro de Olericultura agradecem à POTAFOS

Horticultura Brasileira, v. 1 nº1, 1994 - Brasília, Sociedade de Olericultura do Brasil, 1983 -

Semestral

Titulos anteriores: V. 1-3, 1961-1963, Olericultura. V. 4-18, 1964-1981, Revista de Olericultura.

Não foram publicados os v. 5, 1965; 7-9, 1967-1969.

Periodicidade até 1981: Anual.

1. Horticultura - Periódicos. 2. Olericultura - Periódicos. I. Sociedade de Olericultura do Brasil.

CDD 635.05

Programa de apoio a publicações científicas

